

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Solar De St. Hill, Grinstead Oriental, Sussex,
HCOB DE 26 DE OUTUBRO DE 1970

OBNOSE E A ESCALA DE TOM

O que se segue é um extrato do Manual Preparatório do Curso Clínico Avançado (ACC) para os Estudantes Avançados de Cientologia. Foi publicado em 1957.

A OBNOSE E A ESCALA DE TOM

Nalgum lugar dos vossos materiais, no seu escritório ou arrumadas numa biblioteca você tem duas grandes folhas de papel. Estão cobertas de dados inestimáveis para um auditor. Já se embrenhou nelas, já se referiu a elas muitas e muitas vezes. Trata-se, é claro, da Carta da Avaliação Humana e do Quadro de Atitudes. Os dados que elas encerram constituem uma grande parte dos materiais do auditor. Todos os auditores do mundo estão, em certa medida, familiarizados com estes dados.

Mas como fazer para se extraírem os dados destes quadros e aplicá-los à vida, a uma pessoa real? Não é difícil, digamos, para um tom emocional ocasional. “O João teve um acesso de 1,5 ontem à noite”. É claro. Ele ficou vermelho que nem um tomate e atirou-vos com um livro à cabeça. É simples. A Maria desatou a soluçar e pegou num lenço. Os dois auditores olham um para o outro e abanam sabiamente a cabeça: “Hum...Desgosto!”

Mas que dizer do tom crônico, coberto pela fina capa brilhante do verniz social? Em que medida consegue você ser perspicaz e ter a certeza dele?

Ora apanhe um Pc que conheça bem. Qual é exatamente o seu tom crônico? Se não o sabe, é melhor continuar a ler. Se sabe, continue a ler e aprenda mais sobre o assunto.

O título deste artigo começa por uma palavra bizarra: *obnose*. Foi criada a partir da expressão “observar o óbvio”. A arte de observar o que é evidente está neste momento intensamente negligenciada na nossa sociedade. E é pena.

É a única forma de alguma vez se ver alguma coisa: observar o óbvio. Observar uma coisa tal como ela é, e que coisas estão realmente aí. Felizmente para nós esta capacidade de “*obnosar*” não é de forma alguma inata ou mística. Mas é deste modo que a apresentam os não Cientologistas.

Como ensinar a alguém a ver o que está aí?

Pois bem, coloque ali uma coisa para que ele a observe e mande-o dizer o que vê. É o que fazemos nas aulas do Curso Clínico Avançado. E quanto mais cedo no curso o fizermos, melhor. Pede-se a um estudante para ficar de pé na frente da aula, e aos outros para o observarem. O instrutor põe-se de lado e repete a pergunta: “O que é que veem?”

As primeiras respostas são algo como: “Bem, vejo que ele tem muita experiência”. “Ah, bom. Será que vês realmente a experiência dele? O que é que vês além?” “Bom, pelas rugas que ele tem à volta dos olhos e da boca posso dizer que já viveu muitas experiências”. “Muito bem, mas o que é que vês?” “Ah, comprehendo. Vejo rugas à volta dos olhos e da boca”. “Muito bem!”

O instrutor não aceita nada que não seja bem visível. Um estudante começa a compreender e diz: “Bom, eu vejo realmente que ele tem orelhas”. “Muito bem, mas do teu lugar vês realmente que ele tem duas orelhas, neste momento em que estás a olhar para ele?” “Bom, não”. “Muito bem. O que é que vês?” “Vejo que ele tem a orelha esquerda”. “Muito bem!” Não são aceites conjecturas nem suposições tácitas. Também não se permite que os estudantes vagueiem pelo banco. Por exemplo: “Ele tem uma boa postura”. “Tem uma boa postura em relação a quê?” “Bom, ele está mais direito do que a maior parte das pessoas”.

“Essas pessoas estão aqui neste momento?” “Não, mas eu tenho imagens delas”. “Ora vamos! Ele está mais direito em relação a alguma coisa que tu vês aqui neste momento?” “Bom, ele está mais direito do que tu. Tu estás um pouco curvado”. “Neste momento?” “Sim”. “Muito bem!”

Está a ver o objetivo disto? Trata-se de levar um estudante ao ponto de poder observar uma pessoa ou um objeto e ver exatamente o que lá está. Não uma dedução daquilo que lá poderia estar a partir do que ele ali vê efetivamente. Não alguma coisa que o banco considera como devendo estar associada ao que lá está. Simplesmente o que lá está, visível e óbvio, à vista. É tão simples que “se mete pelos olhos dentro”.

No decurso deste exercício prático de observação do óbvio nas pessoas, os estudantes adquirem muitas informações sobre as características físicas e verbais relativas a um determinado nível de tom. São coisas muito fáceis de ver e escutar quando se observa o corpo de uma pessoa e se escutam as suas palavras. “Observar o theta” não faz parte de obnose. Olhe para o terminal, para o corpo, e oiça o que de lá sai. Não queira tornar-se místico nem comece a confiar na “intuição”. Observe unicamente o que lá está.

Por exemplo, você pode obter uma boa indicação sobre o tom crónico de uma pessoa observado o que ela faz com os olhos. Em apatia, ela tem o aspeto de olhar fixamente para um objeto em particular durante um tempo indeterminado. O único senão é que ela não o está a ver. Não tem qualquer consciência do objeto. Se lhe enfiasse um saco na cabeça, a direção do seu olhar provavelmente manter-se-ia.

Em desgosto, a pessoa tem um ar “abatido”. Uma pessoa cujo tom crónico é “desgosto” tem a tendência de dirigir o olhar para o chão. Nos níveis inferiores de desgosto, a sua atenção estará relativamente fixa como em apatia. Quando se desloca para a zona do “medo”, o seu olhar move-se em todas as direções, mas sempre para baixo. Em medo, a característica mais evidente é que a pessoa não consegue olhar para você. É demasiado perigoso olhar para os terminais. Deveria estar a falar consigo, mas ela olha mais para além, para o lado esquerdo. Depois dá uma rápida vista de olhos aos vossos pés, a seguir olha por cima da vossa cabeça (dá a impressão que um avião vai a passar), mas agora já está a olhar lá para trás por cima do ombro. Clique, clique, clique. Em resumo, olha para todos os lados exceto para você.

Seguidamente, na zona inferior de “fúria”, ela desvia deliberadamente a vista de você. Ela *desvia* a vista de você: é uma rutura manifesta de comunicação. Um pouco mais alto na escala, ela olhará bem de frente para si, mas de uma forma não muito agradável. Quer localizá-lo como alvo. Mais acima, em “tédio”, você vê os seus olhos a vaguear, mas não tão freneticamente como em medo. Ela não evitaria olhar para si. Inclui-lo-á nas coisas que observa.

Munidos destes dados e tendo adquirido uma certa competência para observar as pessoas tal como elas são, os estudantes do curso clínico avançado são levados para junto do público a fim de falarem com estranhos e detetarem o ponto onde eles se encontram na escala de tom. Habitualmente, mas unicamente para os ajudar um pouco a abordar as pessoas, são-lhes dadas uma série de perguntas a colocar a cada uma e um bloco de notas onde anotar respostas, observações, etc. Trata-se de entrevistadores da Fundação de Investigação Hubbard que estão a fazer sondagens à opinião pública. O verdadeiro objetivo da sua conversa é detetar o ponto onde as pessoas se encontram na escala de tom, crónica e socialmente. São-lhes dadas perguntas destinadas a produzir atrasos de comunicação e a quebrar o mecanismo social de modo a fazer surgir o tom crónico. Eis alguns exemplos de perguntas utilizadas neste momento: “O que é mais evidente em mim?”, “Quando é que você cortou o cabelo a última vez?” e “Acha que as pessoas trabalham hoje em dia tanto como há cinquenta anos?”

A princípio os estudantes detetam simplesmente o tom da pessoa que estão a interrogar, e as aventuras que os esperam ao fazer isto são muitas e variadas. Mais tarde, quando já ganharam mais confiança a interpelar estranhos e a fazê-los falar, juntam-se as

seguintes instruções: “Interroga pelo menos 15 pessoas. Nas primeiras cinco vai para o tom delas assim que o tenhas detetado. Com as cinco seguintes, desce abaixo do tom delas e vê o que acontece. Com as cinco últimas, adota um tom mais alto do que o delas”.

O que é que um estudante do Curso Clínico Avançado obtém destes exercícios?

Por um lado, o desejo de comunicar com qualquer pessoa. De início, os estudantes escolhem cuidadosamente o tipo de pessoas que abordam. Somente senhoras idosas, ninguém que tenha um ar colérico ou somente as pessoas com aspeto limpo. Por fim, abordam simplesmente a pessoa seguinte, mesmo que tenha o aspeto de um leproso ou que esteja armada até aos dentes. A faculdade de confrontar aumentou e trata-se simplesmente de mais alguém com quem falar.

Ficam desejosos de situar uma pessoa na escala de tom sem vacilar. Eles dizem: “É um 1,1 crónico. O tom social é 3,5, mas na realidade falso”. É assim mesmo e eles dão conta disso.

Também ficam muito talentosos em adotar à vontade diversos tons, fazendo-os passar de forma muito convincente e com grande suavidade. Isto é muito útil em muitas situações e também divertido. Eles tornam-se adeptos de dar cabo dos atrasos de comunicação em situações informais. Ficam hábeis a fazer a diferença entre a aparência e a realidade.

O aumento de segurança na comunicação, o à-vontade e facilidade de lidar com as pessoas que os estudantes formados nesta escola têm, são coisas que é preciso ver, ou ter passado pela experiência, para crer.

A pergunta que se faz ouvir mais frequentemente em qualquer unidade do curso clínico avançado é: “Será que poderíamos, por favor, fazer mais um pouco de obnose esta semana? Não fizemos ainda o suficiente”. (Esta declaração diverte imenso os instrutores do CCA visto que estes mesmos estudantes diziam no início: “Se me obrigar a ir lá abaixo, abandono o curso”).

A obnose é algo muito importante que todos os Cientologistas devem aprender o mais meticulosamente possível.

L. Ron Hubbard
Fundador